

CONSUMO DE ELETRICIDADE INALTERADO EM AGOSTO

Mercado: Destaques

- ◆ Consumo **INDUSTRIAL** estável também em agosto: dos 10 ramos da indústria que mais demandaram energia elétrica da rede, 7 deles exibiram desempenho positivo, sendo os maiores avanços observados nos setores extrativo (+9,0%) e de papel e celulose (+7,5%). Por regiões do país, houve alta no Sul (+5,9%) e Norte (+4,5%), e queda no Nordeste (-6,1%), Centro-Oeste (-2%) e Sudeste (-0,8%);
- ◆ O consumo de eletricidade **RESIDENCIAL** pelo segundo mês consecutivo praticamente inalterado, variação de apenas 0,1%.
- ◆ Na classe **COMERCIAL** queda de 0,6%. Destaque para a região Sul, com crescimento de +4,0%.

Condicionantes Econômicos

Atividade. Segundo o IBGE, a produção física industrial (PIM-PF) apresentou crescimento de 2,5% em relação a julho de 2016, a terceira taxa positiva consecutiva nesta comparação. Também houve crescimento 3,1% no volume de comércio varejista (PMC), influenciado pelo aumento da massa real de rendimentos e da redução dos custos de financiamento, porém as atividades relacionadas à serviços (PMS) apresentaram novamente queda (-3,2%). Em relação a agosto, o índice de evolução da produção da Sondagem Industrial (CNI) apresentou a segunda taxa positiva seguida (54,8 p.), enquanto o Indicador de Atividade do Comércio da Serasa Experian, com boa correlação com a PMC/IBGE, apontou crescimento de 1,7% contra mesmo mês de 2016.

Mercado de trabalho. Em agosto foram criadas 35,5 mil vagas de emprego formal de acordo com o Caged/MTE, destacando-se o setor de serviços, com saldo de 23,3 mil vagas. O resultado positivo ocorreu em todas as regiões geográficas, ainda que mais expressivo no Nordeste, com criação de 19,9 mil vagas. Com relação à taxa de desocupação apurada na PNADC/IBGE, houve redução de 0,8 p.p. na margem, no trimestre móvel encerrado em julho.

Comércio Exterior. O superávit da balança comercial brasileira atingiu US\$ 5,5 bilhões em agosto, valor 35% superior ao mesmo mês de 2016 (MDIC). Contribuíram para o resultado as exportações de produtos básicos e manufaturados (FUNCEX), com destaque para a indústria extrativa (petróleo e minérios de ferro) e a automobilística, esta última facilitada por acordos internacionais. Note-se que as importações brasileiras atingiram o maior valor desde outubro de 2015 (US\$ 13,8 bilhões), o que já reflete os sinais de retomada econômica.

Crédito. Em agosto, os dados do BACEN mostraram que as concessões de crédito total subiram 2,5% em termos reais frente ao mesmo mês do ano anterior. No crédito livre houve crescimento real das concessões em relação a agosto de 2016 tanto para pessoa física (3,9%) quanto jurídica (5,0%). Outro resultado positivo para este setor foi a queda na margem das taxas de juros médias tanto para pessoas físicas, de 63,8% a.a. para 62,3% a.a., quanto para jurídicas, de 25,3% a.a. para 24,4% a.a.

Síntese

A tendência de estabilidade no mercado de energia elétrica na rede prosseguiu no mês de agosto, com o consumo variando -0,1% em relação a igual mês de 2016, totalizando 37.583 GWh. No acumulado do ano até agosto não houve variação em relação a 2016.

Das regiões do país, houve crescimento de 4,0% no Sul e de 3,4% no Norte, e queda de -2,1% no Nordeste, de -1,3% no Sudeste e -0,1% no Centro Oeste.

O mercado cativo das distribuidoras teve redução de 6,3% no mês, enquanto o consumo livre cresceu 15,3%.

Veja também nesta edição:

Consumo industrial segue estável	2
Consumo residencial estável	3
Redução de 0,6% no consumo da Classe Comercial	3
O papel do consumo das famílias na retomada da economia	4
Estatísticas do consumo de eletricidade	6

Consumo industrial segue estável

Pelo terceiro mês consecutivo, o consumo **INDUSTRIAL*** no país, totalizando 14.172 GWh em agosto, apresentou estabilidade frente a igual mês do ano anterior.

Aliada à recuperação do emprego no setor e à melhora da confiança do empresariado, essa estabilidade reforça a expectativa de retomada da atividade industrial. No entanto, é preciso aguardar a intensidade com que a demanda interna reagirá a condições um pouco melhores no mercado de trabalho e de crédito. Conforme indicadores da CNI, a ociosidade do parque produtivo ainda é alta e só agora, em agosto, depois de 4 meses acima do planejado, o nível de estoque de produtos finais chegou à neutralidade. O gráfico 1 ilustra, a partir de dados de consumo de eletricidade, esse momento de transição da atividade da indústria.

A abertura dos resultados do mês conforme a classificação econômica (gráfico 2), mostra que houve crescimento na maioria dos dez setores com maior participação no consumo industrial do país. Os três setores que tiveram queda, por sua vez, representam 40% do consumo total da classe industrial.

Na produção de químicos, o consumo foi reduzido em 4,5%, influenciado principalmente pela retração no segmento de gases industriais.

No ramo metalúrgico (-4,3%), as maiores quedas foram observadas no Rio de Janeiro (-8%), principalmente na siderurgia, e em São Paulo (-4%), no segmento do alumínio. Como, de acordo com dados do Instituto Aço Brasil, a produção de aço (bruto e laminado) teve aumento no Rio de Janeiro em agosto, credita-se a redução do consumo no estado à menor demanda da rede de empresas siderúrgicas locais que são autoprodutoras de eletricidade.

A produção de minerais não metálicos (-4%), que engloba cimento, vidro e outros produtos relacionados a substâncias minerais, afetada pela baixa atividade na construção civil, completou 26 meses consecutivos com resultado negativo. Apesar de grande parte dos estados refletirem esse desempenho fraco, já se observa em São Paulo um viés de alta, com crescimento de 0,2% no ano e 1,5% em agosto, talvez favorecido pela melhora na indústria automotiva.

Depois de dois anos de forte retração (-22% e -11%, respectivamente em 2015 e 2016), a produção de veículos está quase alcançando o nível de 2014 - em agosto, em torno de 260 mil unidades foram produzidas, incluindo veículos leves, caminhões e ônibus (Anfavea). O consumo de eletricidade cresceu 3,4%, com expansão elevada no Rio de

Janeiro (31,4%) e no Rio Grande do Sul (17%). Em São Paulo, que concentra grande parte das fábricas do complexo automotivo do país, o crescimento foi de 4,6%.

Na atividade extrativa (9%), onde se observou a maior taxa no mês, contribuíram mais a mineração de níquel e cobre no Pará (21,7%) e de ferro no Espírito Santo (10,3%). Em Minas Gerais, porém, o crescimento foi de apenas 0,5%.

Alinhado com o aumento de 4,5% na produção de papel em agosto (IBÁ), o consumo de eletricidade no setor de Papel e Celulose registrou variação positiva de 7,5%.

Os desempenhos observados no Paraná (11,7%), associado à fabricação de alimentos para animais, ao abate de aves e de suínos e à moagem de cereais, e no Mato Grosso (21,2%), devido especialmente

ao esmagamento de grãos, tiveram significativa contribuição para o crescimento do consumo no setor alimentício (5,5%). Com grande representatividade no setor, o consumo em São Paulo (4,1%) cresceu um pouco abaixo da média de todos os estados.

Entre as regiões, observa-se que Sul e Norte continuam sendo as únicas em que o consumo no ano já ultrapassou ao de correspondente período do ano anterior, respectivamente, 4,4% e 1,4%, devido principalmente aos setores alimentício e extrativo. Santa Catarina (5,2%) e Amazonas (6%) destacam-se nessas regiões com crescimento no ano um pouco acima de suas respectivas médias regionais. Já Paraná (4,5%) e Pará (1,2%), mercados também importantes em suas regiões, apresentam desempenho alinhado à média regional.■

Gráfico 1. Brasil—Consumo Industrial. Séries de taxas de 12 Meses: Mensal, Média Móvel 3 Meses e Média Móvel 12 Meses. Fonte: EPE/COPAM

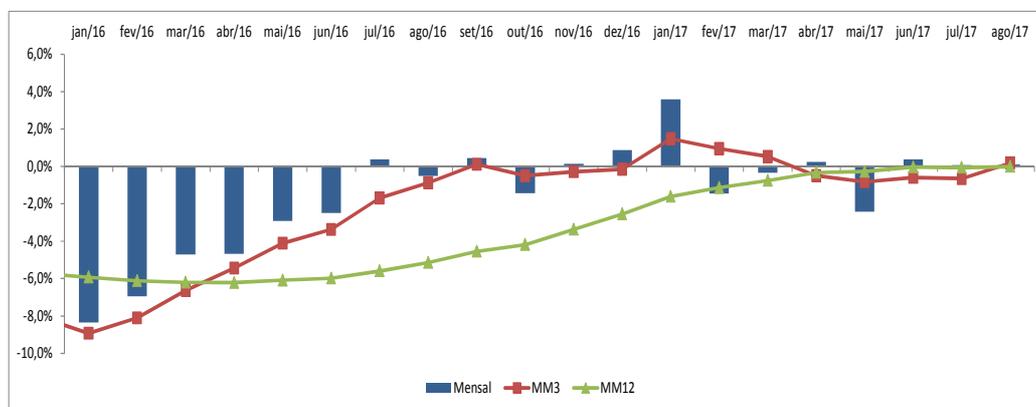
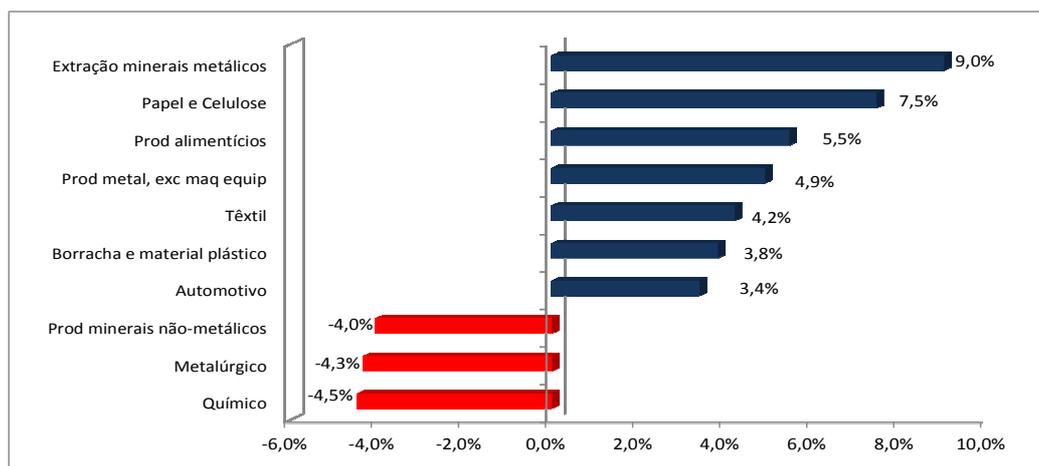


Gráfico 2. Brasil: Variação do consumo industrial em agosto/2017 por segmento (Δ%17/16). Fonte: EPE/COPAM.



Consumo residencial estável

O consumo de eletricidade na classe **RESIDENCIAL** no mês de agosto totalizou 10.435 GWh, resultado praticamente inalterado em relação a 2016 pelo segundo mês consecutivo, com variação ficando em apenas 0,1%.

Ainda que os indicadores econômicos de renda e emprego tenham mostrado sinais de recuperação, o consumo de eletricidade pelas famílias não tem repercutido seus efeitos uniformemente pelo país, com alguns estados mostrando maior vigor em relação aos demais, considerando-se que a elevação da renda real vem sendo conquistada pelo movimento desigual dos preços dos itens de consumo, com a queda em alguns produtos, como alimentos, atenuando os aumentos em outros, como itens relacionados à saúde e educação. Assim como o desemprego, embora tenha se reduzido, ainda se en-

contrava em elevado nível de 12,8% no trimestre maio a julho de 2017, conforme reportado no Box na página 4.

No que se refere ao clima, houve influência do maior número de dias com temperaturas acima da média nos estados das regiões Norte, no Nordeste especialmente no Maranhão e Paraíba, e no Sudeste no caso de Minas Gerais, onde agosto transcorreu sem chuvas e em onze dias as temperaturas ficaram acima dos 28°C, com máximas ultrapassando 31°C e mínimas também acima das registradas nesse mês em 2016.

Assim, verificou-se que o consumo de eletricidade conforme as regiões do país apresentou evolução distinta, com crescimento no Norte (3,1%), Centro Oeste (2,2%) e Sul (1,3%), e queda no Sudeste (-1,1%) e Nordeste (-0,2%).

Na região Norte foram relevantes os de-

sempenhos dos estados de Rondônia (8,0%) e Pará (3,3%), enquanto no Centro Oeste dentre os quatro estados, apenas o Distrito Federal apresentou redução do consumo, de -4,7%, já na região Sul essa condição coube ao Rio Grande do Sul (-2,2%).

No Sudeste, a redução do consumo de eletricidade pela classe residencial foi decorrente da contração verificada nos estados do Rio de Janeiro (-8,9%) e do Espírito Santo (-6,7%), sendo ambos os resultados afetados também pelo ciclo menor de faturamento das concessionárias. Por sua vez, no Nordeste o crescimento verificado no Maranhão (5,1%), Alagoas (4,1%) e Paraíba (+2,6%), não foram suficientes para anular a queda em Pernambuco (-3,5%), Rio Grande do Norte (-2,6%) e Bahia (-2,5%). ■

Redução de 0,6% no consumo da Classe Comercial

Na classe **COMERCIAL** foram consumidos 6.711 GWh a partir das redes das concessionárias. Esse volume foi 0,6% inferior ao verificado em agosto de 2016, porém o calendário de faturamento com uma quantidade menor de dias entre agosto de 2016 e de 2017 afetou o resultado da classe, que permaneceria inalterado caso fosse igual a quantidade.

No que diz respeito às condições climáticas, observaram-se temperaturas mais elevadas no Norte, enquanto no restante do país a influência no consumo de eletricidade ficou restrita a alguns estados, pois a oscilação se deu proximamente à média climatológica, ficando acima no caso do Maranhão, Paraíba e Minas Gerais e nos estados do Sul, onde o período de inverno determina o aumento do consumo para aquecimento de ambientes, ao passo que ficou abaixo da média nos demais estados do Sudeste, cujos requisitos energéticos destinam-se majoritariamente à refrigeração, e nesta época do ano as temperaturas menores aliviam o desconforto térmico.

Na economia, as variáveis relevantes para a análise do consumo de eletricidade da classe apresentaram evolução positiva, com o volume de vendas do comércio em elevação de 3,1% no mês de julho, favorecido pela redução dos preços de artigos de vestuários,

móveis e eletrodomésticos e expansão do crédito às pessoas físicas, cuja análise é apresentada no Box na página 4 desta Resenha.

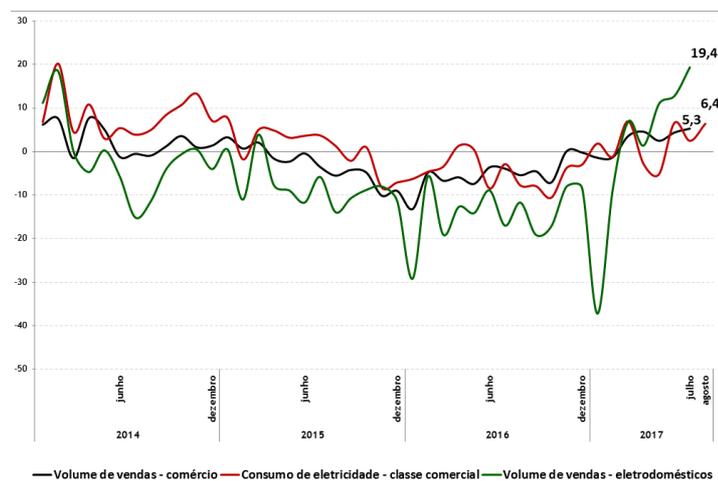
Dentre as regiões do país, a maior alta no consumo de eletricidade foi registrada no Sul (4,0%), como resultado do bom desempenho do estado do Paraná (6,4%, gráfico 3) e de Santa Catarina (5,5%), que compensaram a retração no Rio Grande do Sul (-0,1%). Nesta região identifica-se especialmente o impacto das melhores condições da economia na expansão do consumo de eletricidade, pois as variáveis climáticas e de calendário das distribuidoras não exerceram pressão no período.

Na região Norte, considerando-se os dados ajustados, foram relevantes para a

alta de 3,8% as temperaturas acima das médias registradas em todos os dias do mês especialmente nos estados do Pará (2,7%) e do Amazonas (1,8%), que conjuntamente responderam por 62,9% do consumo regional de eletricidade.

Por outro lado, ainda na análise com dados ajustados, houve queda nas regiões Nordeste (-1,8%), Sudeste (-1,0%) e Centro Oeste (-0,1%), nas quais se observam movimentos distintos entre os estados, tanto no consumo de eletricidade, quanto nas variáveis correlacionadas. Na primeira, à exceção do Maranhão (1,5%) e do Rio Grande do Norte (0,4%), todos os demais estados apresentaram redução no consumo, sendo a maior em Sergipe (-4,6%), seguido da Bahia (-2,8%), Pernambuco (-2,7%) e Ceará (-2,1%). No Sudeste, o Rio de Janeiro apresentou variação positiva (0,9%), enquanto houve forte redução no Espírito Santo (-6,9%) e queda moderada em Minas Gerais (-1,6%) e São Paulo (-1,3%). Por fim, no Centro Oeste destacaram-se o estado do Mato Grosso do Sul, com alta de 8,8%, e o Distrito Federal, com queda de 6,3%. ■

Gráfico 3. Paraná—Variação sobre igual mês do ano anterior (%)



O PAPEL DO CONSUMO DAS FAMÍLIAS NA RETOMADA DA ECONOMIA

O resultado do PIB do segundo trimestre surpreendeu positivamente, levando diversos agentes a revisarem suas projeções da taxa de crescimento deste ano. Pelo lado da demanda, o destaque do PIB do segundo trimestre foi o crescimento na margem de 1,4% no consumo das famílias, interrompendo nove trimestres seguidos de queda.

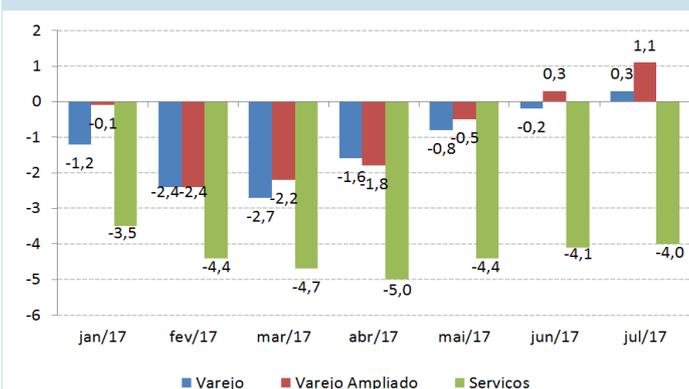
Quando se analisa o comportamento do comércio e serviços, medidos no âmbito das Pesquisas Mensais de Comércio (PMC) e Serviços (PMS) do IBGE, é possível observar um movimento suave de retomada do consumo, embora mais pronunciado no primeiro do que no segundo.

O indicador de volume de vendas no comércio varejista acumulado no ano vem exibindo uma trajetória de crescimento ao longo de 2017, atingindo, no mês de julho, a primeira taxa positiva do ano (0,3%). Quando se considera o varejo ampliado – que inclui as vendas de materiais de construção e de veículos e motocicletas, incluindo partes e peças – a taxa acumulada no ano é de 1,1%. Esses resultados foram fortemente influenciados pelo bom desempenho dos itens “Eletrodomésticos” (7,2%) e “Tecidos, vestuário e calçados” (7,1%), bens da pauta de consumo das famílias bastante atrelados às condições de demanda, como renda e disponibilidade de crédito.

Em relação ao indicador de volume de serviços, o resultado acumulado no ano até julho de 2017 de -4,0% indica que a recuperação está ocorrendo de forma bastante suave nesse setor. Isso pode ser explicado, em parte, pela resistência da inflação do setor, uma vez que o IPCA de Serviços acumula, em 12 meses até agosto, alta de 4,8%, bem acima do IPCA geral (2,46%).

Volume de vendas

Taxa de variação acumulada no ano (%) — Fonte: IBGE



Entre os fatores que explicam o bom desempenho do consumo das famílias e da atividade do comércio destacam-se a queda da inflação, o aumento da massa de renda real, a expansão das concessões de crédito à pessoa física e os saques das contas inativas do FGTS.

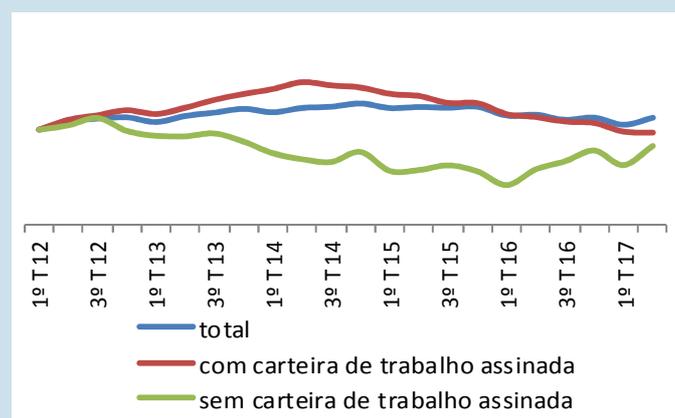
Com relação à inflação, a trajetória declinante está sendo fortemente influenciada pelo segmento de alimentos e bebidas que apresenta deflação no acumulado do ano até agosto e representa uma parcela importante no cálculo do índice de preços (25%). O processo de desinflação deve continuar contribuindo para a redução de juros. Segundo ata da última reunião do Copom, em caso de manutenção das condições econômicas, haverá continuidade da flexibilização monetária,

ainda que em menor magnitude.

As concessões de crédito continuaram apresentando resultados positivos no mês de julho para pessoas físicas (+7,6% em relação ao mesmo mês do ano anterior). Além disso, o endividamento das famílias com o Sistema Financeiro Nacional em relação à renda acumulada dos últimos doze meses apresenta tendência de queda desde fevereiro de 2016, ainda que tenha mostrado uma leve elevação em junho de 2017, o que pode implicar em aumento da demanda por crédito.

Evolução da ocupação

1ºT 2012 = 100 — Fonte: IBGE

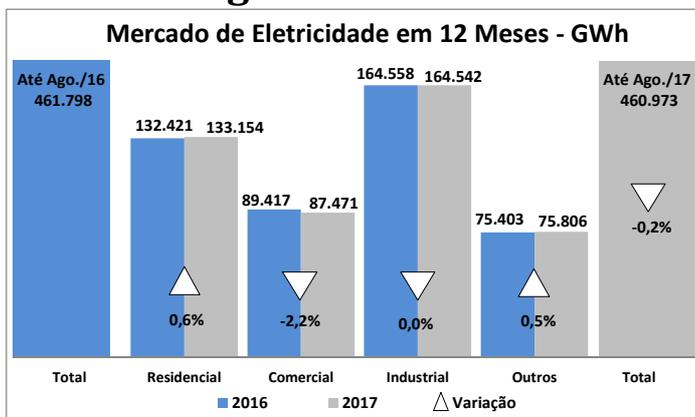
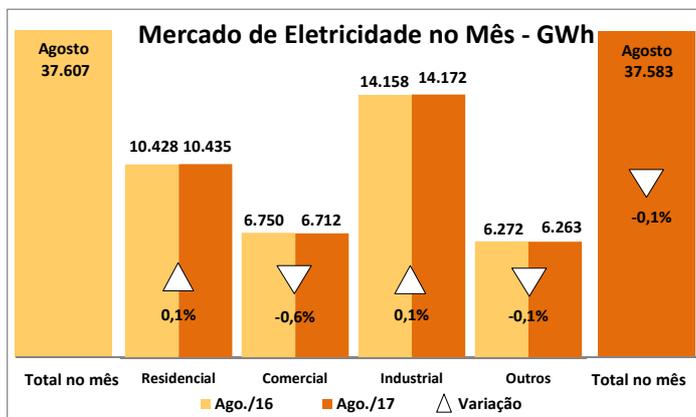


No mercado de trabalho, observa-se uma melhora nos indicadores, com retração na taxa de desocupação e aumento da renda real, explicado pela redução da inflação. O aumento da ocupação, contudo, está ocorrendo entre os trabalhadores sem carteira de trabalho assinada, enquanto o emprego formal continua contraindo (+5,4% e -3,2%, respectivamente, no 2º trimestre de 2017 em relação ao mesmo período do ano anterior). Além disso, apesar da redução, a taxa de desocupação se mantém em patamar bastante elevado.

Outro fator que também pode ter explicado parte do aumento do consumo das famílias é a liberação do saldo de contas inativas do FGTS. Segundo pesquisa da FGV realizada em julho deste ano, ainda que o principal destino dos recursos tenha sido o pagamento de dívidas (37,7% dos entrevistados), 27,8% das pessoas consultadas direcionaram o valor recebido para consumo. É importante ressaltar que, este número aumentou consideravelmente em relação à pesquisa sobre intenções de uso do FGTS realizada em março, quando cerca de 10% dos entrevistados tinham o consumo como destinação prioritária.

O efeito positivo do recurso do FGTS, contudo, será muito menor no segundo semestre, pois julho foi o último mês de liberação do recurso. Portanto, a continuidade da recuperação do consumo das famílias e sua contribuição para o resultado do PIB dos próximos trimestres dependerão da manutenção da trajetória declinante da inflação e da taxa de juros, do aumento da renda real, do crédito e do bom desempenho do mercado de trabalho. Além disso, para um crescimento mais robusto do PIB é necessária a retomada da produção, reduzindo capacidade ociosa e abrindo espaço para aumento dos investimentos.

Estatísticas do Consumo de Energia Elétrica



	CONSUMO CATIVO		CONSUMO LIVRE	
	TWh	Δ %	TWh	Δ %
Agosto	25,1	-6,3	12,5	15,3
12 meses	321,7	-6,6	139,3	18,7

Fonte: Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica - COPAM/EPE. Dados preliminares.



REGIÃO/CLASSE	EM AGOSTO			ATÉ AGOSTO			12 MESES		
	2017	2016	%	2017	2016	%	2017	2016	%
BRASIL	37.583	37.607	-0,1	307.213	307.067	0,0	460.973	461.798	-0,2
RESIDENCIAL	10.435	10.428	0,1	88.917	88.635	0,3	133.154	132.421	0,6
INDUSTRIAL	14.172	14.158	0,1	109.367	109.382	0,0	164.542	164.558	0,0
COMERCIAL	6.712	6.750	-0,6	58.580	58.982	-0,7	87.471	89.417	-2,2
OUTROS	6.263	6.272	-0,1	50.348	50.068	0,6	75.806	75.403	0,5
CONSUMO TOTAL POR SUBSISTEMA									
SISTEMAS ISOLADOS	251	261	-3,8	1.863	1.938	-3,9	2.867	2.990	-4,1
NORTE	3.041	2.921	4,1	22.544	22.570	-0,1	34.407	34.422	0,0
NORDESTE	5.843	6.012	-2,8	47.843	48.521	-1,4	72.627	72.979	-0,5
SUDESTE/C.OESTE	21.596	21.824	-1,0	178.225	178.605	-0,2	267.703	269.763	-0,8
SUL	6.853	6.590	4,0	56.738	55.433	2,4	83.369	81.645	2,1
REGIÕES GEOGRÁFICAS									
NORTE	3.023	2.923	3,4	22.399	22.406	0,0	34.065	34.274	-0,6
RESIDENCIAL	848	822	3,1	6.088	6.157	-1,1	9.408	9.585	-1,9
INDUSTRIAL	1.322	1.265	4,5	10.094	9.954	1,4	15.181	14.985	1,3
COMERCIAL	437	420	4,0	3.197	3.253	-1,7	4.853	5.052	-3,9
OUTROS	417	416	0,2	3.020	3.041	-0,7	4.623	4.651	-0,6
NORDESTE	6.444	6.581	-2,1	52.230	52.956	-1,4	79.419	79.720	-0,4
RESIDENCIAL	2.110	2.115	-0,2	17.866	17.800	0,4	26.976	26.560	1,6
INDUSTRIAL	1.899	2.021	-6,1	14.673	15.608	-6,0	22.391	23.429	-4,4
COMERCIAL	1.128	1.144	-1,4	9.383	9.437	-0,6	14.268	14.248	0,1
OUTROS	1.306	1.301	0,4	10.307	10.111	1,9	15.784	15.483	1,9
SUDESTE	18.370	18.618	-1,3	152.753	153.278	-0,3	229.444	230.876	-0,6
RESIDENCIAL	4.944	4.998	-1,1	43.283	43.263	0,0	64.816	64.601	0,3
INDUSTRIAL	7.416	7.475	-0,8	57.629	57.700	-0,1	86.906	86.920	0,0
COMERCIAL	3.440	3.524	-2,4	31.170	31.552	-1,2	46.492	47.990	-3,1
OUTROS	2.570	2.620	-1,9	20.671	20.763	-0,4	31.231	31.366	-0,4
SUL	6.853	6.590	4,0	56.738	55.433	2,4	83.369	81.645	2,1
RESIDENCIAL	1.660	1.639	1,3	14.355	14.174	1,3	20.896	20.559	1,6
INDUSTRIAL	2.779	2.625	5,9	21.175	20.287	4,4	31.435	30.439	3,3
COMERCIAL	1.139	1.095	4,0	10.029	9.981	0,5	14.665	14.799	-0,9
OUTROS	1.274	1.230	3,6	11.179	10.991	1,7	16.373	15.848	3,3
CENTRO-OESTE	2.893	2.896	-0,1	23.092	22.995	0,4	34.676	35.284	-1,7
RESIDENCIAL	874	855	2,2	7.324	7.242	1,1	11.059	11.116	-0,5
INDUSTRIAL	756	771	-2,0	5.797	5.833	-0,6	8.630	8.786	-1,8
COMERCIAL	567	565	0,4	4.801	4.758	0,9	7.193	7.328	-1,8
OUTROS	696	704	-1,2	5.170	5.162	0,2	7.794	8.054	-3,2

A EPE se exime de quaisquer responsabilidades sobre decisões ou deliberações tomadas com base no uso das informações contidas nesta Resenha, assim como pelo uso indevido dessas informações.

Para mais informações sobre o mercado de energia: copam@epe.gov.br

Coordenação Geral

Luiz Augusto Nobrega Barroso

Ricardo Gorini de Oliveira

Coordenação Executiva

Jeferson B. Soares

Comunicação e Imprensa

Maura Cruz Xerfan

Equipe Técnica

Aline Moreira Gomes

Carla C. Lopes Achão (coordenação técnica)

Isabela de Almeida Oliveira

João M. Schneider de Mello

Lidiane de Almeida Modesto

Marcia Andreassy

Nathália Thaisa Calazans (estagiária)

Simone Saviolo Rocha

Thiago Toneli Chagas

Para obter as séries históricas de consumo mensal, acesse a seção **Economia e Mercado Energético** no endereço eletrônico: <http://www.epe.gov.br>